

JESUS, ANUNCIADO NO TEMPLO

1Reis 6.1-38

Davi não pôde construir o templo, mas juntou muito material necessário para a construção dele. A Salomão seu filho coube essa imensa e honrosa tarefa. Desde que Deus havia tirado o povo da terra do Egito, e isso já fazia cerca de 480 anos, somente agora Israel se concretizava como uma nação estabelecida na terra da promessa. Não somente pelo significado religioso, mas pela própria imponência, o templo de Salomão foi uma das mais importantes construções do mundo antigo. Foi a demonstração definitiva de que Israel era o povo de Deus.

O templo seguia basicamente a mesma planta do tabernáculo que já estava com Israel desde os tempos de Moisés, mas com dimensões muito superiores. Possuía três compartimentos sendo um átrio para o povo, um átrio para os sacerdotes e o lugar santíssimo. O lugar santíssimo era a parte mais interior do templo e também era chamado de Santo dos Santos. Era uma espécie de cubo perfeito medindo 9,15 m de todos os lados (1Rs 6.20). O povo não podia entrar no átrio dos sacerdotes. No Santo dos Santos somente o sumo sacerdote poderia entrar uma vez por ano no dia da expiação. Entre o Santo dos Santos e o átrio dos sacerdotes ficava uma espessa cortina que impedia a visão do interior. Na área do átrio dos sacerdotes ficavam alguns objetos usados no culto como o altar do holocausto e a bacia de bronze usada para purificação. No interior do Santo dos Santos ficava a arca da Aliança que representava a presença de Deus (Êx 25.22). A arca ficava entre duas estátuas de querubins cujas asas tocavam uma na outra cobrindo a arca num gesto de proteção (1Rs 6.27). Dentro da arca estavam as duas tábuas da lei dadas por Deus a Moisés no monte Sinai. O elemento mais abundante no templo era o ouro (1Rs 6.20-22). Toda essa riqueza e esplendor nos falam do templo como uma espécie de cópia do templo celestial. Na verdade, o tabernáculo havia sido construído de acordo com as ordens dadas pelo próprio Deus (Êx 25.9).

O templo é todo cheio de uma simbologia impressionante. Primeiramente devemos pensar na santidade de Deus. A arca da Aliança contendo as tábuas da lei ficava num lugar inacessível para o povo. O fato de que somente o sumo sacerdote e apenas uma vez por ano tinha acesso a esse lugar nos fala a respeito da santidade de Deus. Por outro lado, vemos que o fato de Deus estar separado mostra a condição decaída do homem que não tem direito de entrar na presença dele. É justamente essa questão do pecado que se destaca em segundo lugar na estrutura do templo. Podemos dizer que o templo como um todo foi construído para solucionar o problema do pecado. O altar do holocausto tinha primariamente essa intenção, pois era um local onde os sacerdotes ofereciam sacrifícios de animais diante de Deus. O objetivo desses sacrifícios era fazer expiação pelos pecados do povo. Judicialmente falando era como se o animal sacrificado estivesse pagando pelo pecado do ofertante.

Nessa função de demonstrar a santidade de Deus e a expiação pelo pecado do povo o templo simbolizava o próprio Senhor Jesus. Não é por acaso que Jesus se identificou com o templo (Jo 2.19-22). Jesus veio para cumprir de forma definitiva aquilo que o templo realizava de forma recorrente. O templo proporcionava ao povo uma forma de ter seus pecados perdoados, e Jesus veio para fazer isso de uma vez por todas. Quando Jesus morreu na cruz, sua morte foi um sacrifício expiatório. Ele fez a vez do cordeiro que era sacrificado como substituto pelos pecados, literalmente, carregando nossos pecados (1Pe 2.24). Ele realizou de forma definitiva aquilo que o templo realizava diariamente: expiação. O templo era um protótipo de Cristo, e foi um dos maiores anúncios sobre Jesus que podem ser vistos no Antigo Testamento.

Texto extraído da Revista Expressão, 1º trimestre de 2004, Editora Cultura Cristã.

JESUS CHAMADO DE *THEOS*

Theos é a palavra grega que significa *Deus*. Deve ser conclusiva a aplicação do título *theos* para o Senhor Jesus na Escritura. Infelizmente, aqueles que negam a divindade de Jesus costumam dar interpretações preconceituosas a esses textos. A fim de esclarecermos esse assunto analisaremos quatro passagens:

João 1.1-2,18 – Jesus era o Verbo que desde o princípio estava com Deus e era Deus. A seita “Testemunhas de Jeová” altera esse texto, afirmando que a palavra *theos* no verso primeiro que é aplicada a Jesus está sem o artigo definido e que, portanto, pode e deve ser lida como “um deus”. Jesus seria um deus menor do que o Deus Supremo. Essa argumentação cria muitos problemas para eles mesmos, pois há textos na Escritura onde *theos* é aplicado ao “Deus Supremo” sem o artigo definido, como por exemplo, Lucas 20.38: “Ora, Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem” (Cf. também Mc 12.27; Jo 8.54; Fp 2.13; Hb 11.16). Também há muitos outros textos na Escritura onde *theos* aparece no mesmo contexto tanto com o artigo, como sem ele, mas referindo-se ao mesmo Deus (Jo 3.2; Rm 1.21; 1Ts 1.9; 1Pe 4.10,11). Ainda podemos acrescentar que na língua grega não faz a menor diferença se uma palavra está com letra minúscula ou não. De fato, não faz qualquer sentido a argumentação das Testemunhas de Jeová. É inútil tentar negar. Jesus é Deus, totalmente Deus, segundo João 1.1,2. Até porque, *deuses* não existem. Só Deus!

Romanos 9.5 – Esse texto aplica a Cristo o título de “Deus bendito para todo o sempre”. Paulo está dizendo que embora Cristo descenda humanamente do povo judeu, e, portanto é um judeu “ele é também muito mais do que um judeu. Ainda que tenha uma natureza humana, também tem uma natureza divina. Ele é Deus”.¹

Tito 2.13 – A tradução mais comum desse versículo é: “aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”. O texto chama Jesus de “grande Deus”. É verdade que alguns têm tentado traduzir o texto como “do nosso grande Deus e do Salvador Cristo Jesus”. Isso não é correto pois a partícula “do” não se encontra no original, e há apenas um artigo indicando certamente uma única pessoa. Ainda podemos acrescentar que a manifestação esperada é a Segunda Vinda *de Jesus*. Afinal a Escritura não ensina uma vinda do Deus Pai, mas do Filho.

Hebreus 1.8-12 – Esse texto retrata o Pai falando com o Filho e chamando-o de “Deus”. Todo o início desse capítulo descreve Jesus como “Criador, Sustentador, Dono e Salvador, a quem é atribuída adoração pelos habitantes do céu”.² Esses atributos somente podem ser de Deus e, portanto, aqui está mais uma prova da divindade de Jesus.

Texto extraído da Revista Expressão, 1º trimestre de 2004, Editora Cultura Cristã.

¹ William Hendriksen. *Romanos*. Grand Rapids – MI: Libros Desafio, 1990. p. 347

² Robert M. Bowman Jr. *Por que Devo Crer na Trindade – Uma Resposta às Testemunhas de Jeová*. p. 101.

JESUS CRISTO, DEUS E HOMEM

João 1.14

A Trindade e a Encarnação estão mutuamente integradas. A doutrina da Trindade declara que Cristo é verdadeiramente divino. A doutrina da Encarnação declara que o mesmo Cristo é também plenamente humano. Juntas, essas doutrinas proclamam a plena realidade do Salvador revelada no Novo Testamento, o Filho que veio da parte do Pai e, pela vontade do Pai, tornou-se o substituto do pecador na cruz (Mt 20.28; 26.36-46; Jo 1.29; 3.13-17; Rm 5.8; 8.32; 2Co 5.19-21; 8.9; Fp 2.5-8).

A doutrina da Trindade foi definida no Concílio de Nicéia (325 d.C.), quando a igreja se opôs à ideia ariana de que Jesus era a primeira e a mais nobre *criatura* de Deus; a igreja afirmou que Jesus era da mesma "substância" ou "essência" do Pai. A distinção entre Pai e Filho está dentro da unidade divina, de modo que o Filho é Deus da mesma maneira que o Pai é. Ao dizer que o Filho e o Pai são de uma única e mesma "substância", e que o Filho "é gerado, não feito" (ecoando o "unigênito" em Jo 1.14,18; 3.16,18), o Credo Niceno reconhece, inequivocamente, a divindade de Jesus Cristo.

A confissão que a igreja faz da doutrina da Encarnação foi expressa no Concílio de Calcedônia (em 451 d.C.), onde a igreja se opôs à ideia nestoriana de que Jesus era duas pessoas e não uma, e à ideia eutiquiana de que a divindade de Jesus havia absorvido sua

humanidade. Rejeitando ambas as ideias, o Concílio afirmou que Jesus é uma só pessoa com duas naturezas (isto é, com dois conjuntos de capacidades para a experiência, expressão e ação). As duas naturezas estão unidas nele, sem mistura e sem confusão, sem separação ou divisão, e cada natureza retém seus próprios atributos. Em outras palavras, tudo o que está em nós, bem como tudo o que está em Deus, está e sempre estará verdadeira e distintivamente presente no único Cristo. Deste modo a fórmula de Calcedônia afirma enfaticamente a plena humanidade do Senhor.

A Encarnação, o misterioso milagre no âmago do Cristianismo histórico, é fato central no testemunho do Novo Testamento. Jesus veio primeiro para os judeus, cuja afirmação central de fé é de que há um só Deus. Os apóstolos eram israelitas e, contudo, eles e os escritores do Novo Testamento ensinaram que Jesus, o Messias, devia ser cultuado e devia-se crer nele. Isto quer dizer que ele é Deus não menos do que ele é homem. É espantoso que este testemunho pudesse prevalecer entre eles.

Paulo diz a respeito de Jesus que "nele, habita, corporalmente toda a plenitude da Divindade (Cl 2.9, cf. 1.19). Paulo aclama Jesus, o Filho, como a imagem do Pai e como seu agente na criação e conservação de todas as coisas (Cl 1.15-17). Paulo declarou que ele é o Senhor a quem se deve orar pedindo salvação, do mesmo

modo pelo qual se invoca *Yahweh* (Jl 2.32; Rm 10.9-13). Jesus é "sobre tudo, Deus bendito" (Rm 9.5), nosso "Deus é Salvador" (Tt 2.13). Paulo ora a Jesus pessoalmente (2Co 12.8,9), e o considera como a fonte da graça divina (2Co 13.14). O testemunho é explícito: a fé na divindade de Jesus é fundamental na teologia e religião de Paulo.

O autor da carta aos Hebreus, revelando a perfeição do sumo sacerdócio de Cristo, declara a plena divindade e singular dignidade do Filho de Deus (Hb 1.3,6,8-12). Em seguida,

celebra a plena humanidade de Cristo (cap.2). O sumo sacerdócio que ele descreve como exercido por Cristo depende da conjunção de uma vida divina sem fim e infalível, com uma experiência plenamente humana de tentação e sofrimento (Hb 2.14-17; 4.14—5.2; 7.13-28; 12.2,3). O Novo Testamento proíbe o culto a anjos (Cl 2.18; Ap 22.8,9), porém, manda cultuar a Jesus. De modo bem franco, ele apresenta o Salvador divino-humano como objeto próprio da fé, da esperança e do amor. Uma religião sem esta ênfase não pode ser cristianismo.

Bíblia de Estudo de Genebra, adaptado

Apoio didático - Lição 3

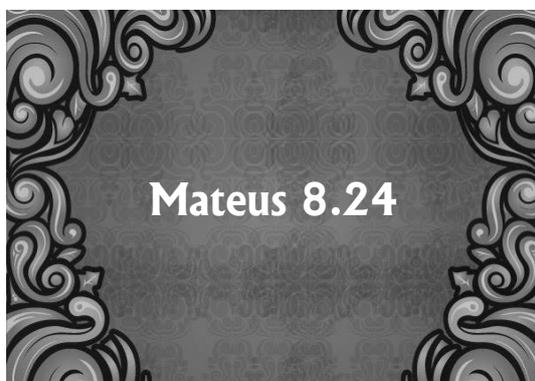
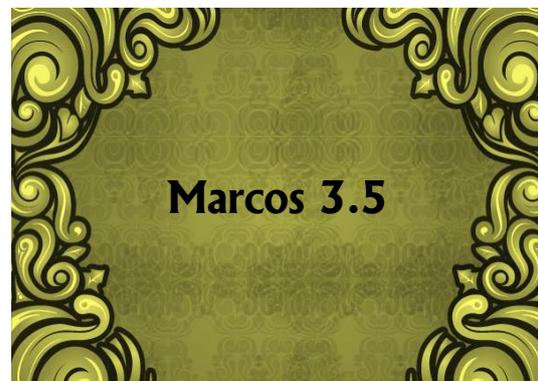
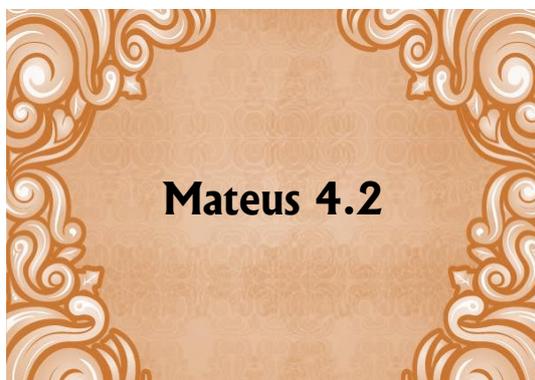
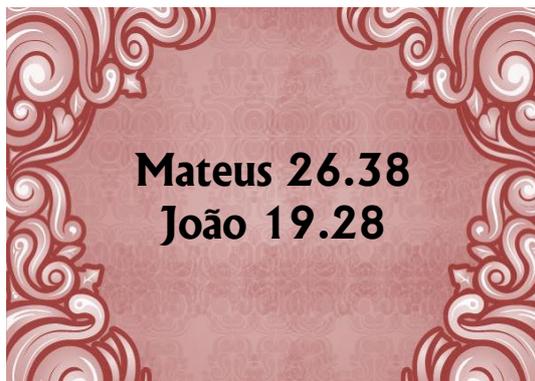
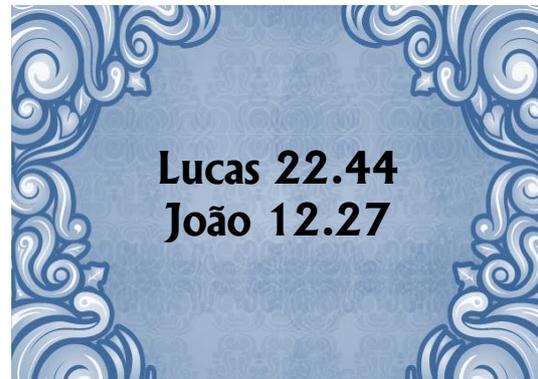
DESVENDE O ENIGMA

**Apresente o parágrafo assim: “ _____ de _____ foi _____ .
_____ estava _____ à sua _____ e é a _____ da sua _____
_____ . Essa _____ tinha as limitações _____ do ser _____, mas
_____ sem _____ .”**

***Pistas:** (A Bíblia usada ao compor as pistas abaixo, foi a Almeida Revista e Atualizada e as pistas estão na mesma ordem das palavras do parágrafo).*

1. (1 letra): Artigo definido feminino.
2. (10 letras): “A natureza humana. O gênero humano.” (Dicionário Michaelis).
3. (5 letras): O nome dele não aparece nem uma única vez no AT, mas toda sua vida e seu ministério estão descritos lá, por meio de profecias e “tipos”. De quem estamos falando?
4. (4 letras): Nome da moeda utilizada atualmente no Brasil.
5. (3 letras): Pronome pessoal, 3ª pessoa do singular feminino.
6. (13 letras): Em Jeremias 44.25, qual é a 55ª palavra?
7. (5 letras): ONU significa Organização das Nações _____ (o adjetivo que entra aqui é o mesmo que cabe na frase, mas no singular).
8. (9 letras): Natureza de Cristo indicada em Colossenses 2.9.
9. (4 letras): Substantivo que se repete em Hebreus 6.1 e 8.6.
10. (13 letras): Ação de reconhecer algo ou alguém (a palavra começa com a letra “i”).
11. (7 letras): Em Mateus 1.23 Jesus é chamado de Emanuel. O significado desse nome possui um pronome. Que pronome é esse?
12. (8 letras): Em Efésios 2.3 está escrito que éramos filhos da ira, como também os demais, por _____.
13. (7 letras): Contrário de anormal, no plural.
14. (6 letras): “Errar é _____ (o adjetivo que entra aqui é o mesmo que cabe na frase).
15. (3 letras): Em João 1.1 há um verbo que é repetido duas vezes.
16. (6 letras): Transgressão de qualquer lei dada por Deus.

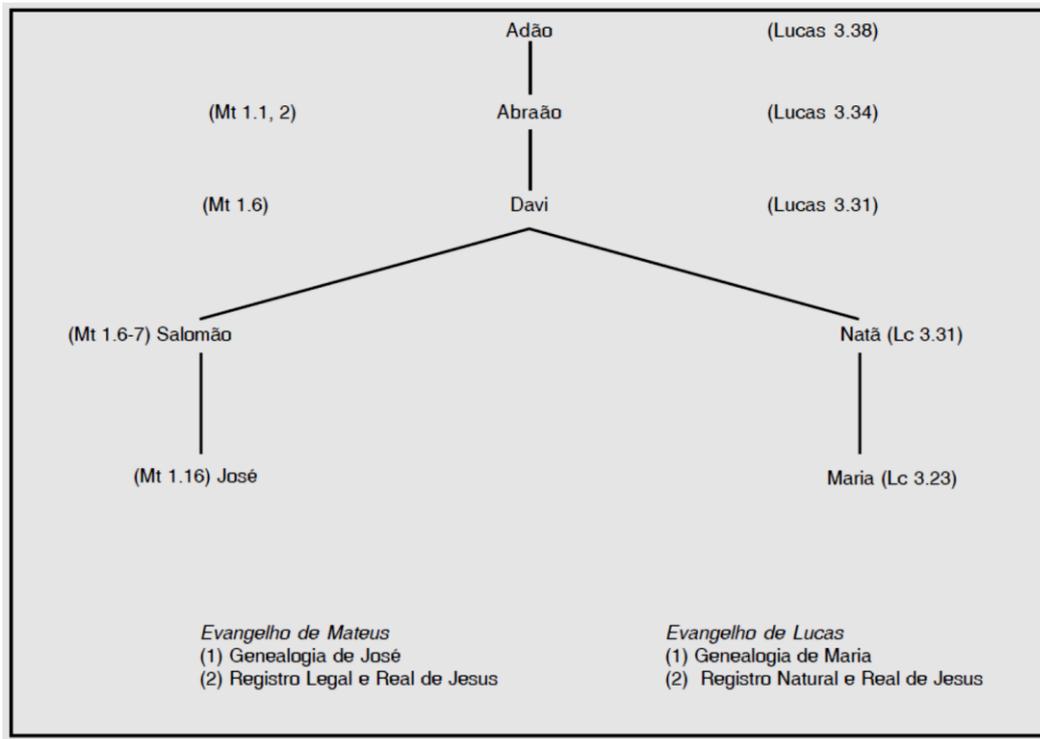
Apoio didático - Lição 3



GENEALOGIA DE JESUS

Tanto Mateus como Lucas apresentam genealogias de Jesus (Mt 1.1-17; Lc 3.23-38), embora com algumas diferenças. Mateus traça a linhagem de Jesus até Abraão, mas Lucas revela a natureza universal da missão do Mestre traçando sua genealogia até Adão. Há, também, algumas diferenças de nomes que podem ser explicadas por uma das seguintes possibilidades: 1– O funcionamento da lei do casamento

levirato (Dt 25.5), sugere que uma das genealogias (de Mateus ou de Lucas), dá a ascendência legal, e a outra a ascendência física; ou 2 – Tanto José quanto Maria eram descendentes de Davi, embora de ramos diferentes da família. Portanto, pode ser que Mateus trace a ascendência de José, que seria a ascendência legal de Jesus, enquanto Lucas traça a ascendência de Maria, a real conexão de Jesus com a raça a qual veio salvar. Veja o quadro abaixo:



Apoio didático - Lição 8

Plano de Fuga

Escreva o seu "plano de fuga" para a próxima vez que encarar sua tentação mais recorrente. O que você fará para resisti-la?

Plano de Fuga

Escreva o seu "plano de fuga" para a próxima vez que encarar sua tentação mais recorrente. O que você fará para resisti-la?

Plano de Fuga

Escreva o seu "plano de fuga" para a próxima vez que encarar sua tentação mais recorrente. O que você fará para resisti-la?

Plano de Fuga

Escreva o seu "plano de fuga" para a próxima vez que encarar sua tentação mais recorrente. O que você fará para resisti-la?

ASCENSÃO

JESUS CRISTO FOI ELEVADO AO CÉU

“Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu.” Lucas 24.51

A ascensão de Jesus foi um ato de seu Pai ao retirá-lo do olhar fixo de seus discípulos nas alturas (um sinal de exaltação) e envolvê-lo numa nuvem (um sinal da presença de Deus). Essa não foi uma forma de viagem espacial, mas a segunda parte (sendo a ressurreição a primeira) do retorno de Jesus das profundezas da morte ao apogeu da glória. Jesus predisse a ascensão (Jo 6.62; 14.2, 12; 16.5, 10, 17, 28; 17.5; 20.17), e Lucas a descreveu (Lc 24.50-53; At 1.6-11). Paulo a celebrou e afirmou o conseqüente senhorio de Cristo (Ef 1.20; 4.8-10; Fp 2.9-11; 1Tm 3.16), e o escritor de Hebreus aplicou essa verdade para encorajamento dos corações pusilânimes (Hb 1.3; 4.14; 9.24). O fato de ter sido Jesus Cristo entronizado como senhor do universo deve servir de enorme encorajamento para todos os crentes.

A ascensão foi, de um ponto de vista, a restauração da glória que o Filho tinha antes da encarnação; de outro ponto de vista, foi a glorificação da natureza humana de um modo jamais acontecido antes, e, de um terceiro ponto de vista, foi o começo de um reino que nunca havia sido exercido dessa forma. A ascensão estabelece três fatos:

1. *A subida pessoal de Cristo.* Jesus ascendeu ao lugar de poder,

concebido como um trono, à mão direita do Pai. Sentar-se nesse trono, como o grão-vizir da corte persa costumava fazer, é ocupar a posição de governador executivo como representante do monarca (Mt 28.18; Ef 1.20-22; 1Co 15.27; 1Pe 3.22).

2. *A onipresença espiritual de Cristo.* No santuário celestial da Sião celestial (Hb 9.24; 12.22-24), Jesus é acessível a todos os que o invocam (Hb 4.14), e ele é poderoso para ajudá-los, em qualquer parte do mundo (Hb 4.16; 7.25; 13.6-8).

3. *Ministério celestial de Cristo.* O Senhor reinante intercede por seu povo (Rm 8.34; Hb 7.25). Embora a petição ao Pai seja parte da atividade intercessória (Jo 14.16), a essência da intercessão de Cristo é a intervenção em nosso favor (desde seu trono), e não súplica em nosso favor (como se sua posição fosse de compaixão sem *status* ou autoridade). Com soberania, ele agora nos concede profusamente os benefícios que seu sofrimento conquistou para nós. *Ele advoga* [em nosso favor] — *por sua presença no trono de seu Pai* (B. F. Wescott). *A vida de nosso Senhor no céu é sua oração* (H. B. Swete). De seu trono ele envia o Espírito Santo constantemente para enriquecer seu povo (At 2.33; Jo 16.7-14) e prepará-lo para o serviço (Ef 4.8-12).

Apoio didático - Lição 13

Apoio didático – lição 13

TESTAMENTO PARTICULAR

Eu, _____, por vontade própria, livre de qualquer pressão, decidi fazer esse meu testamento particular, como o faço, de boa, na presença dos meus parceiros, que aqui estão, no qual escrevo meu último desejo:

Dou assim, por concluído este meu testamento particular.

Assinatura

Data